

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Crónica de viagem

Para aceder a um agradável e insistente convite dum velho amigo e condiscípulo dos velhos tempos liceais, abordei, por um destes dias calmosos do junho, à freguesia de Guardizela, à terra de Vasco de Ornelas, de Arnaldo Gama.

Nunca lá tinha ido e mal conhecia até a região. O meu auto — esse confidente de longas viagens — galgou em passo acelerado os cento e tal quilómetros que nos separavam.

Cheguei a Lordêlo, à terra dos Capuchos, e indicaram-me um pequeno braço de estrada, ou antes, para dar às coisas o seu verdadeiro nome, um velho caminho, cheio de barrancos, nú, sem que o seu leito sofresse ainda o peso do monstro amarrotando o granito.

Cheguei — eu confesso a minha fraguêsa — a chamar nomes feios a quem superintende nestes assuntos. Disseram-me que a única causa, a causa verdadeira de semelhante caos, era devida à muita Economia que se estava fazendo lá pelos altos poderes municipais. O cantoneiro, em virtude da tal Economia, que tinha sido desviado, há meses já, para outros serviços diz-me o meu informador.

Comprometeria a minha consciência se deixasse de manifestar aqui a minha formal discordância nesta medida económica, se bem que eu nada tenha com o progresso ou com a boa administração deste concelho. Digo só o que penso, mas isto mesmo com o devido respeito a pessoas pará mim desconhecidas.

Acho um erro gravíssimo desviar os cantoneiros dos seus cantões, e classifico esta economia de "economia de peneira". E, sem tirar nem pôr, como se costuma dizer: alagar um santo para compôr outro.

Se as estradas donde foram destacados prescindem dos seus braços, para que se compromete o orçamento concelhio com a sua existência?

Que economia poderá advir do abandono de meia dúzia de estradas para o concerto duma? O resultado — ou a lógica é feita de batatas — deve ser este: — uma estrada composta e meia dúzia alagadas, com a agravante, pior ainda, da desmoralização, do não te rales dos cantoneiros que, aos seus fiscais, responderão invariavelmente quando admoestados pelo seu

Apêlo Patriótico

Aos Vimaranenses

Comemora a nossa terra, nos próximos dias 7 e 8 de Julho, o VIII centenário da Batalha de S. Mamede — facto bélico que foi o precursor do nascimento de Portugal.

Cumpra aos Vimaranenses, integrando em si o dever de toda a Nação, solenizar o grande facto histórico que consagra a galhardia heróica da Raça e o amor da independência nacional.

Foi Guimarães o bérço da Pátria. Patenteiem os filhos desta fidalga e tradicional cidade o seu orgulho cívico na hora solene que passa, engalanando e iluminando a frontaria das suas casas; encorporando-se e desfaldando os estandartes das suas Associações e Escolas no Cortejo Cívico; acorrendo às Conferências Públicas que se promovem; afirmando o seu júbilo patriótico na hora em que, sobre o Castelo roqueiro de S. Mamede, um Avião Militar vem lançar as saudações da alma nacional; erguendo hossanas de fé pelos destinos imortais da Pátria Portuguesa, acorrendo à Missa Campal que o Ex.^{mo} Prelado celebrará junto da Capela Real de Santa Margarida.

Mostrem os vimaranenses aos forasteiros que nos visitam, especialmente aos delegados da Sociedade Histórica 1.º de Dezembro de 1640, da cidade de Lisboa; à muito amada gente da Póvoa de Varzim, representada por todos os seus estandartes corporativos; à Colónia Vimaranense, residente no Pôrto, que se encorpora no Cortejo Cívico com um carro alegórico; às crianças das escolas; a tôdas as delegações, enfim, que veem até nós numa jornada de devoção patriótica, mostrem os vimaranenses o seu carinho fraterno e a sua simpatia amiga, lançando-lhes flores, muitas flores, pelo muito que queremos à nossa terra, exalçada e glorificada nos dias 7 e 8 de Julho pela recordação da Pátria que aqui nasceu e aqui afirmará, pela voz de nós todos, que quer viver independente e livre!

Aqui fica o nosso apêlo, certos de que cada um cumprirá o seu dever — por honra nossa, pelo prestígio da nossa terra, pela glória de Portugal!

Guimarães, 30 de Junho de 1928.

A Comissão Central.

desleixo: — não temos culpa; mandaram-nos para outra parte... agora é tarde e a linda Inês é morta!...

E a quem cabe, depois, a responsabilidade de tudo isto? A tal D. Economia, pois é claro. Isto é axiomático, não tem contestação possível!

Mas perdoem-me esta pequena divagação e voltemos a reatar o fio do assunto.

Agradei ao meu amavel informador, e, alguns minutos

mais em passo de canoça, eis-me no solar do meu velho amigo X.

E... o resto fica para outro numero porque o jornal é pequeno e tem mais do que tratar.

Devagar se vai ao longe. E eu devagar irei dizendo tudo o que vi e ouvi nessa linda Guardizela tão à margem do progresso e tão agrilhoadada pelo jesuitismo clerical!

A. P.

Um prostituto...

Ao escrevermos a local que diz respeito á epigrafe acima transcrita ignoravamos que a pessoa visada na mesma tivesse qualquer industria. Como nos afirmam que tem, apressamo-nos a declarar que tal qualificativo se não ajusta á pessoa visada nessa local. Aí fica para os devidos efeitos a rectificação, que, sem coacção alguma e em obediencia apenas á nossa consciencia, fazemos. Retivamos, por isso, as considerações nessa local contida.

Companhia Alves da Cunha

Nos passados dias 18 e 19, no Teatro D. Afonso Henriques, a Companhia Berta de Bivar — Alves da Cunha deu 2 dois soberbos espectáculos que só pecaram pela auzencia do nosso publico (?).

Representando as peças «A morte civil» de Serolmo Rovetta e o «Frei Luis de Sousa» de Garrett, nelas o perfil artístico de Alves da Cunha ficou para sempre gravado na memória e coração de quantos o apreciaram, ora erguendo-se como um gigante, ora perdendo-se na piegante do sentimentalismo, conseguiu, impôr a popularidade da sua dominadora arte, tão forte e tão sã, que ressoa ainda à nossa sensibilidade de meridionais.

Quer no *Conrado Broschi* quer no *Manuel de Souza Coutinho*, o grande artista tornou-se um idolo, focou nitidamente a riqueza do seu formidável talento e esteriotipou verdadeiras creações.

Raros são hoje os actores que possam conseguir em cada noite um triunfo como Alves da Cunha.

A sua figura tem proporções avantajadas em todos os lances da interpretação e a sua voz é maleável como o oiro, é prodiga de modalidades e prodigiosa de eufonia. Sente, e não se sabe como, ri, e entra em nós o alvoroço; mata-se, e acreditamos no corte do fio da vida!...

E! Grande entre os maiores:

— Berta de Bivar, na *Eliza Malvini* mostrou ter recursos e contracenou correctamente na *Madalena* do «Frei Luis de Souza».

— Carlos de Oliveira é um actor sóbrio, consciente, vigoroso e duma simplicidade espontanea. No *monsenhor Santarelli* foi bem uma criação de Hugo, tão semelhante se nos tornou com aquele bispo de Digne que pelos seus actos, mereceu, e muito bem, o epíteto de «Benvindo». No *Romeiro* colocou-se à altura do seu talento, reflectiu com segurança a dor de D. João de Portugal.

— Branca Richetti, embora nova ainda, promete marcar na scena Portuguesa e desempenhar a primor os seus dois papeis de *Consuelo* e *Maria*. Especialmente este último, abriu de par em par os seus dotes de artista

Ribeiro Lopes, não tendo agradado no *Fernando Cutereli*, foi soberbo no *Telmo Pais*, cheio de verdade e dando-nos bem o tipo do velho e porto-guês.

— João Calzans completou com brilho o elenco da Companhia e foi correcto no *Dr. Palmeri* e no *Frei Jorge*.

*

A encenação boa e os addresses muito maus. Devemos reconhecer que vem de há muito tal feito.

Este número foi visado pela Comissão de censura.

Nas Taipas

Encontra-se aberto o estabelecimento balnear e todos os hotéis desta linda estância thermal, sendo já numerosa a sua frequência.

Este ano apenas funciona o novo estabelecimento, estando a proceder-se a obras nos antigos balnearios, que vão passar por uma grande transformação que os torna modelares.

E' bem necessária esta modificação porque no estado em que se encontravam não era admissível que ali se procedesse a qualquer tratamento.

Entre outras pessoas vimos ali em tratamento as Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Maria Isabel Guerreiro Bianchi, D. Custódia Guerreira, D. Albertina Guimarães, D. Emilia Aldão e gentilíssimas Filhas, D. Felisbela Romano, D. Sofia Coutinho, D. Ana Serrano, D. Maria Maia, D. Antonia Oliveira, D. Maria Almeida, D. Adelaide de Almeida, D. Maria Martins Cerqueira, D. Amélia Azevedo, D. Irene Azevedo e os Ex.^{mos} Snrs. Dr. Quirino da Cunha, Américo da Silva, Domingos Magalhães, Jaime Caldas, José Serrano, João Coutinho, Artur Teixeira, Manuel Reis, Antonio de Sousa, David Martins, Antonio Teixeira de Mello, Américo Nunes.

*

Já estão a funcionar os novos lavadouros, mandados construir pela actual vereação de Guimarães, em substituição da antiga presa, que foi destruída. Dizem-nos que a sua hegiene é nenhuma, pois a água em lugar de ser corrente e abundante como nos velhos lavadouros, é muito reduzida, por economia, e renovada apenas quando está absolutamente incapaz de servir. Chamamos para o caso a intervenção do sr. Sub-Inspector de Saúde, pois entendemos que acima de caprichos individuais e conveniências particulares, deve estar o bem comum.

*

Abundam por aqui os mendigos que preseguem constantemente os aquistas, dando uma impressão desagradabilíssima a quem nos visita.

Pedimos providências a quem tudo manda.

Os «Tubarões»...

O tom de importante filúncia com que os jornais monarchicos têm falado sobre a lei das incompatibilidades, pôde ter dado a impressão de que são os republicanos os grandes tubarões que têm sugado a Republica até a deixar escorrepichadinha de todo.

Pois vem mesmo a talhe de foice a transcrição deste elucidativo trecho do nosso presado colega «A Democracia do Sul», de Evora.

«Na carta de Lisboa que ontem inserimos acentuou-se que pela rede da lei das acumulações nenhum republicano fôra ainda envolvido. Isto significa que os decantados «tubarões» não tem praça assente no arraial da Republica. Lá que existem, é incontestavel. Mas não são os republicanos. Dos republicanos é a fama, enquanto o proveito... é dos monarchicos.

Para amosta, podem os leitores abrir os olhos sobre esta lista... impressionante:

«Dr. João Henrique Ulrich, 22 lugares; dr. Rui Enes Ulrich, 13 lugares; José Emidio Correia Guedes, 10 lugares; Baltasar Freire Cabral, 9 lugares; dr. Manuel Caroco, 8 lugares; Conde de Monte Real, 8 lugares; dr. João Sequeira Simões, 9 lugares.

Como se vê — a fina flôr do monarchismo...

De «O Rebatos»

Uma carta

Com pedido de publicação, recebemos do nosso presado amigo e dedicado correligionário sr. João Baptista Sampaio, a carta a seguir e que é cópia doutra entregue ao nosso colega local «Ecos de Guimarães».

Nos comentarios que seguem á minha carta, publicada no ultimo numero do «Ecos», diz-se, entre outras coisas, que melhor me seria estar calado, para evitar a descoberta mais concreta e absoluta da minha responsabilidade de ex-tesoureiro da Associação Humanitaria dos Bombeiros das Taipas, reincidindo-se, por essa forma, em querer atingir-me com suspeitas e insinuações pouco honrosas, apesar de eu ter deixado bem esclarecido tudo quanto com o caso em debate se relaciona. Mas não só nesses comentarios se fazem novamente afirmações menos verdadeiras; fazem-se tambem na correspondencia (?) das Caldas das Taipas. Por isso, e em defesa do meu nome, até hoje limpo e honrado, novamente me dirijo a V. Ex.^a para que faça inserir no seu jornal esta carta, que não é mais do que a resposta cabal e definitiva ás calunias levantadas por pessoas pouco escrupulosas e menos respeitadoras da honra alheia.

—O correspondente (?) das Taipas, pretendendo, como afirma, responder ao repto por mim lançado aos que me atacaram para que provassem as suas caluniosas afirmações, perde-se num devaneio que não é mais do que o matraquear das insidias já vindas a lume, sem apresentar coisa que concretamente, iniludivelmente possa, sequer de longe, deixar ferida a minha honorabilidade. Em poucas palavras lhe responderei. Antes, porém, permita-me sr. Director, que lhe diga que se o seu improvisado correspondente nas Taipas é o mesmo individuo ainda ha bem pouco tempo, colhido nas malhas dum processo crime por vadiagem e vigarices várias, se defendeu da primeira acusação apresentando, como justificação do seu labor, um cartão de identidade que o dava como correspondente do «Ecos», nenhuma consideração poderão merecer as suas arguições, e nenhum jornal lhas deveria reproduzir.

Mas adiante, e respondamos.

A assembleia geral, a que se refere a correspondencia, é ilegal e incompetente para apreciar os meus actos, pois que, funcionou já depois de ter sido ordenado pelo próprio Governador Civil um inquerito a fim de se apurarem diversas responsabilidades e nulidades cometidas e a esmagadora maioria de que fala o correspondente foi arranjada ad hoc por processos irregulares e ilegítimos, fazendo-se, á ultima hora e com desrespeito pelos Estatutos, inscrever como socios, varios individuos de Ronfe, apaniguados dum dos dirigentes desta caluniosa campanha.

Mas, para melhor esclarecimento deste ponto, esperemos pelo resultado definitivo.

Afirmo categoricamente, na minha última carta, que poderia provar documentalmente que as cotas do ano de 1925 e primeiro semestre de 1926 não me foram entregues pelo cobrador e consequentemente não podiam ter estado na minha mão.

Cumentando esta minha afirmação, declara o jornal de V....: «Tambem sabemos que o cobrador da Associação, declarou perante o presidente e varias pessoas, que havia entregado todo o dinheiro cobrado dos recibos de 1925 e primeiro semestre de 1926, ao sr. tesoureiro, e que estava pronto a declarar isso mesmo na presença do sr. João Baptista Sampaio». Esta afirmação é ab-

solutamente mentirosa. Nunca o cobrador poderia ter declarado tal coisa, e por uma razão muito simples e irrefutavel: o documento pelo cobrador assinado, e que tenho em meu poder, reza textualmente o seguinte: *Eu abaixo assinado declaro para os devidos efeitos que não prestei contas nem tam pouco entreguei qualquer importância ao sr. João Baptista Sampaio, tesoureiro da Associação dos Bombeiros Voluntarios das Taipas, respectiva á cobrança das cotas dos socios do ano de 1925 e primeiro semestre de 1926. É por ser verdade mandei passar a presente declaração que vou assinar. Caldas das Taipas, 12 de Junho de 1928. O cobrador da Associação, Domingos Ferreira Sousa Magalhães.*

Para que ninguém possa arguir de falso este documento fiz já reconhecer devidamente a assinatura do declarante.

Uma calunia, pois, que cai pela base!

Afirma-se ainda na correspondencia que se a importancia das cotas estivesse nas mãos do cobrador, o meu dever seria chamá-lo á responsabilidade, comunicando esse facto aos restantes membros da Direcção. Ora os restantes membros da direcção sabem perfeitamente que assim procedi, e um deles, por sinal, o sr. Francisco de Oliveira, hoje um dos que fazem côro contra mim, acompanhou-me dum vez que fui exigir do cobrador a entrega da importancia de 440.000 esc., por êle indevidamente retida, e que era o produto das cotas do ano de 1924. Mais um ataque, portanto, que não resulta...

A certa altura diz o pseudo-correspondente todo senhor de si: «Se a Direcção o pretende caluniar, porque a não chama aos tribunais?» E' agora a minha vez de fazer pergunta muito semelhante: — Se a Direcção está efectivamente convencida de que procedi menos honestamente ou menos zelosamente, porque não me chama aos tribunais?

Falsa, como todas as outras, é tambem a afirmação feita na referida correspondencia, de que eu declarei ter-me utilizado de milhares de escudos da Associação para os meus negocios, mas que ela nada perderia porque pagaria os respectivos juros. Qual será o membro da Direcção que teve a desvergonha ao ponto de afirmar tal coisa?

Fico certo de que V. Ex.^a, como deve, não deixará de publicar esta minha defesa, necessaria e bem legitima.

De V. Ex.^a
At.^o e Obg.^o

João Baptista Sampaio.

VIII CENTENÁRIO DA BATALHA DE S. MAMEDE

Ainda a manifestação do passado dia 23

Como noticiamos, realizou-se no sábado dia 23, junto á estátua do rei fundador da nacionalidade, uma comemoração patriótica pela passagem do oitavo centenário da batalha de S. Mamede.

Aí se juntaram os vimaranenses que amam a sua Pátria, a prestar homenagem áquêle que a gume de espada traçou, campos fóra, a Nacionalidade Portuguesa. Quasi todas as classes se fizeram representar.

Pela volta das 22 horas começavam os sinos da Basilica de S. Pedro repicando festivamente, ao mesmo tempo que a musica dos B. V. tocando o hino da Independencia, se dirigia para junto da estatua de D. Afonso Henriques, seguidas por centenas de pessoas que entusiasticamente soltavam vivas á Pátria, á Independencia etc....

O illustre reitor do nosso Liceu, Sr. Dr. David d'Oliveira, subindo ao pedestal, pronunciou uma brilhante alocução patriótica tendo aconselhado todos os portugueses a unirem-se, nesta época de crise grave que atravessamos, para podermos formar um Portugal Maior; louvou a iniciativa da manifestação lamentando que ela não tivesse partido das entidades competentes, e terminou por um hino de louvor á Pátria mostrando a necessidade de hoje, mais do que nunca, estarmos unidos para defendermos a integridade de Portugal.

E assim terminou a simples mas patriótica festa aos acordes da Portuguesa e aos vivas a uma Pátria livre e a um Portugal Maior.

Foi muito reparado o encerramento dos prédios do Toural e a ausencia das senhoras que, em dias de festas de menor importancia, todas se esfalfam por um logarsito em qualquer sacada.

Escola Industrial e Comercial

Encerraram-se os trabalhos escolares neste estabelecimento de ensino, devendo principiar no próximo dia 2 os exames finais e de passagem.

—O exame de admissão é requerido de 1 a 15 de Julho e aceitei-se em todos os dias uteis, na Secretaria da Escola, das 11 ás 16 e das 19 ás 21 horas, os documentos necessários para este exame.

Os interessados que pretendam matricular-se e que tenham o exame das classes 4.^a e 5.^a da Instrução primária elementar ou o do antigo 2.^o grau, são dispensados do exame de admissão.

Quaisquer outros esclarecimentos dão-se, na Secretaria da Escola, nas horas e dias indicados.

Sindicância ao Pôsto Médico

Sabemos que já foi entregue na Câmara o relatório dos trabalhos a que procedeu o Ex.^{mo} Sr. Afonso Miranda, sindicante aos serviços do extinto pôsto médico municipal.

Não são ainda conhecidas do público as suas conclusões. Apenas o «Ecos de Guimarães», na qualidade de órgão official da actual vereação e do seu celebre mentor, já deve ter conhecimento delas, a avaliar pela local em que no seu ultimo numero se refere ao assunto.

Ao jornal não deve porém passar despercebido tudo quanto possa elucidar os seus leitores e concorrer para o prestigio da verdade. E nestas condições não é para admirar que do nosso conhecimento sejam factos varios e importantissimos, com os quais há-de ser escalpelizado famoso processo.

Já lá vai o tempo em que era possível ocultar ou deturpar a verdade. O público de Guimarães, que foi prejudicado no encerramento dos serviços de saúde e fiscalização sanitária tem direito a conhecer tódo o enredo da peça e há-de conhecê-lo.

Não julgue alguém que basta aparecer um relatório cosinhado em reunião de certos elementos, para que todos fiquem de boca aberta, surpreendidos com tanta sciência.

Não. A verdade há-de dizer-se toda, com clareza, sem omissões, para que a justiça se faça e o castigo vá a quem de direito.

Não se justificam campanhas dissolventes com artimanhas e arranjos; é preciso apresentar documentos legais, gestos verídicos, concretos.

E esses virão quando nos fôr dado explicá-los.

A' volta dum acontecimento

O oitavo centenário da Batalha de S. Mamede

(Continuado do n.º 183)

Que iria conceber aquêlo génio altivo, agora abandonado de um e outro aliado? Que solução se lhe pintaria no cérebro ante a ameaça surda daquêle aliás possível acontecimento?

Ironia cruel! O facto, insignificante em si, bastou para virar do avêssos as posições dos adversarios. E D. Henrique, aproveitando o convite de algumas altas personagens, nomeadamente o valente Froilaz de Trava, fomentou e avivou a revolta dos galegos, tendentes a validar o testamento de Afonso VI na parte que aludia ao orão de seu primo. Estava o velho conde no logar que politicamente occupara, havia pouco, D. Urraca. Havia uma simples diferença. E' que nêle não existia outro fim senão o de se refazer enquanto os inimigos se debatiam nesta luta esteril. D. Urraca pela segunda vez se revoltou contra o marido.

Realmente, tudo nos leva a crêr que êstes principes não nasceram um para o outro. Eis a razão porque o rei aragonês, por antonomásia o «lidador» procurou atrair de novo ao seu partido o neto de Roberto de Borgonha. Fácil foi a D. Henrique esquecer o passado para reatar as já interrompidas relações e renovar o seu famoso tratado. A irmã de D. Tereza chamara a si o velho Pedro Ansures, seu aio, e os seus apaixonados Pedro de Lara e Gomes Gonçalves que aspirava á sua mão quando solteira. As forças contendoras vieram a um encontro nos campos de Espina. Ali esbravejaram todos os lutadores. Lara, tomado de pânico á primeira arremetida, fugiu numa carreira louca deixando cobardemente á mercê da sorte o seu companheiro Gomes Gonçalves que lutou com denodo até morrer como um valente.

(Continúa).

Dr. Alvaro de Castro

Na passada sexta-feira faleceu em Coimbra o indefectível republicano e illustre colonial, Dr. Alvaro de Castro. Regressado há pouco do exilio em virtude da sua doença, ninguém diria que a morte viesse tão depressa roubá-lo ao convívio dos seus numerosos amigos e admiradores e á estima de todos os republicanos que viam nele um forte esteio da Republica.

A sua morte tem sido muito sentida e pranteada, pois Alvaro de Castro era relativamente novo.

Patriota como poucos, ministro, Governador Geral de Moçambique e Presidente do Concelho, a sua obra é vasta e dum honradez a toda a prova. Foi ele o iniciador da politica de ressurgimento financeira, e, tais qualidades revelou, que não teremos dúvidas em afirmar o seu alto valor como estadista e político.

«A Velha Guarda», lamentando a perda de tão illustre republicano, envia sentidos pêsames á Família do saudoso extinto.

Miseravel é o homem que não ame o seu país. Embora a patria nos seja ingrata, não nos cansemos jamais de a amar. Tenhamos o coração maior do que as suas injustiças.
